



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O combate sexual na influência das instituições, a cultura e os mecanismos de inibição causadores das neuroses cotidianas: análise sobre a repressão sexual da atualidade e seu histórico.

Por: Gabriel Pereira Rocha
gabrielpr53@gmail.com

Resumo:

Esse artigo tem como objetivo ressignificar algumas teorias sobre a repressão sexual. Numa análise sociológica sobre os sistemas que compõem a expressão cultural, e a formalizam, foi possível fazer comunicação com diversas outras áreas do conhecimento para compreender a formação das neuroses cotidianas a partir das opressões do meio. Inicialmente caminhando sobre o percurso que Wilhelm Reich trilhou na década de 30 e 40, analisou-se neste texto, o poder das instituições tanto sobre a conduta quanto sobre a manutenção da ordem opressora. Essas instituições detêm mais influência que deveriam e utilizam a repressão sexual, o controle da informação e dos maneirismos para manter essa ordem que muito contribui para diversas articulações na formação das neuroses e conseqüentemente das contrariedades da desigualdade social, sob um ponto de vista etiológico e ideal que ultrapassa as barreiras das repressões as quais nos encontramos.

Palavras chave: Repressão sexual; Opressão; Instituições; Neurose; Wilhelm Reich.

Resumo

Tiu artikolo celas denove signifi iujn teoriojn de seksa subpremo. En sociologia analizo de la sistemoj konsistigantaj la kultura esprimo, kaj formaligi eblis komuniki kun pluraj aliaj kampoj de scio, kompreni la formadon de ĉiutagajn neŭrozojn el premojn de la medio. Komence iranta pri la vojo kiu Wilhelm Reich promenis en la 30 kaj 40 jardekoj, analizita en ĉi tiu teksto, la potenco de institucioj ambaŭ pri la konduto kiel en subteni la subpreman ordon. Tiuj institucioj teni pli influon ol ili devus kaj uzi seksan subpremon, kontrolon de informon kaj manieraĵojn teni tiun ordon kiuj multe kontribuas al diversaj artikoj en la formado de neŭrozo kaj konsekvence la kontraŭdiroj de socia malegaleco sub etiologia vidpunkto kaj ideala kiu iras preter la barojn de subpremon kiu ni trovas nin.

Ŝlosilovortoj: Seksa subpremo; Prematecon; Institucioj; Neŭrozo; Wilhelm Reich.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Abstract

We regret that the author did not send the summary!

Aspectos gerais sobre a construção da cultura, suas influências e o sistema nesta condição formalizadora de opinião.

Devíamos nos vangloriar por vivermos num Estado onde a liberdade tem aspectos globais e o acesso às mídias nos permite desejar sempre algo mais. Esse livre ato expressivo é fruto de uma construção histórica que envolveu desde disputas territoriais, às práticas culturais que ganharam espaço suficiente para nos influenciar ao que somos atualmente. Nenhum problema há em relativizar o que chamamos hoje de nossa cultura, pois ainda em construção, sofremos influências diretas e indiretas compondo um emaranhado de características e tipologias. Esses costumes compartilhados são mecanismos de organização ao qual nossa descendência comum conformou uma sociedade. A organização em sociedade é causa e consequência do que podemos relacionar diretamente com a cultura essencial que nos proporciona capacidade de progresso e entendimento em grupo e com isso projetamos nossos anseios ao mundo.

Quando somos tomados por uma vontade existencial de conhecer o que pôde nos influenciar ao ponto de chegarmos onde estamos, cedo ou tarde caímos em blocos descritivos. Assim como a taxonomia utiliza-os para definir grupos de organismos, compreenderemos melhor nossa existência a partir de unidades cercadas por um conjunto de características que melhor nos define. Um dos principais blocos descritivos de nossos aspectos culturais que muito ajudam a compreender nossa organização é o sistema econômico ao qual estamos imbuídos. O capitalismo. Dele podemos compreender o início das relações de troca entre os seres humanos e



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

consequentemente a formulação de aparatos para esse mercantilismo que foi-se transformando. Muito do que compõe nossas decisões e fórmulas de reação em sociedade e de relação entre seres de um mesmo núcleo está diretamente ligado a esse bloco descritivo. Assim como este, muitos outros sistemas nos compõem diretamente. Mas é a partir deste especificamente que poderemos fazer inferências aos fatores culturais que mais adiante estarão expostos para objetivar este texto.

Originalmente o mercantilismo atendeu um conjunto de normas absolutistas para a retenção de riqueza, que gerava o rendimento a partir da exploração e afirmação do poder de poucos. O metalismo propulsionou os países Ibéricos e a França organizou-se ao novo estilo colbertista utilizando tributos para fortalecer seu mercado. Nasceu assim o capitalismo. Com isso o poder e sua influência adornavam os instintos básicos da sobrevivência gerando novos atributos para as nossas capacidades. A disputa, o ganho e a perda, a opressão e o crescimento intelectual estavam intimamente ligados por um fio tênue. E o objetivo disto tudo culminaria num sistema econômico que caminha com as próprias pernas, mas com ajudas que muitas vezes intencionam de maneira abusiva junto às necessidades sociais.

O sistema capitalista ergueu-se com o apoio das instituições e de suas mediações. Ideologias moralistas, adornos nas relações familiares e nas relações de trabalho “produtivo” e ainda cerceando liberdades por meio destas instituições. Mais especificamente a religião, o militarismo, a unidade familiar e educacional ao qual estamos intimamente ligados. Esse tipo de controle se deu por meio da opressão na qual a moralidade vem antes dos desejos. Isto nos ajuda compreender como e porque nossa cultura se relaciona com estas instituições e com o sistema ao qual nos submetemos.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A economia neste sentido, nos fornece subsídios para compreender a fundo uma cultura. Esta é uma visão compartilhada principalmente no meio ocidental, ao qual nos basearemos mais diretamente. Neste lado do mundo, o capitalismo e a globalização forneceram fortes aparatos para o desenvolvimento de um modo geral das nações na modernidade. Dificilmente definimos uma nação sem tocarmos ao campo econômico no qual ela está vinculada. E é parte do que a representa o modo como se dá a comercialização na relação com outros países, a relação com o mundo e como se controla os direitos e deveres que geralmente recaí ao campo de sanções econômicas.

O ocidente pode ser encarado como reflexo da disputa de interesse de grandes potências do passado. O Imperialismo, as Grandes Guerras e consequentemente a Guerra Fria organizaram influências à maneira muitas vezes opressiva. Não podemos nos esquecer como estas circunstâncias regem de uma maneira global o que é visto como moral, natural e possível. As repressões institucionalizadas nos condicionam diretamente a partir do momento em que o interesse rege a influência. Este interesse, sempre velado, esconde a repercussão moral da intenção. Sendo assim não deixemos de nos posicionar de maneira crítica a esta fórmula de manipulação, pois é desta intencionalidade que compreenderemos melhor nossas limitações. A partir dessa posição talvez nos libertaremos de muitas rédeas que não nos permite livre escolha e são fomentadoras das nossas neurose cotidianas.

Wilhelm Reich e a teoria da repressão sexual

Wilhelm Reich foi um dos maiores discípulos de Freud e com ele produziu diversas raízes à teoria psicanalítica. Em seu estudo sistemático e seu respeito à função sexual e o assunto da sexualidade, desenvolveu teorias sobre a gênese das



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

neuroses estar diretamente ligada a conflitos sociais e suas implicações emocionais e psicológicas. Diretamente vinculado ao pensamento comunista, partidário do movimento operariado e da distribuição igualitária de informação e conhecimento, não demorou muito para ser combatido nos meios conservadores. Desenvolveu diversas outras teorias e obras que não caberão à nossa discussão, mas que tem um exímio valor diante da contribuição racional de seu pensamento. Foi um dos pioneiros do estudo psicossomático e das etiologias das doenças psíquicas, uniu em seus trabalhos o campo da sociologia, da sexologia, da psique e dos conhecimentos do corpo. Foi perseguido mais tarde por suas teorias sobre o orgônio (uma espécie de energia cósmica vital) e indiretamente por sua união entre as ideologias marxistas e a psicanálise, sendo preso no auge de suas contribuições teóricas em uma penitenciária norte-americana. Muito de suas obras foi consumida junto a esta perseguição que culminou em sua morte ainda na prisão por razões não muito confiáveis.

Nascido no império Austro-Húngaro, residente na Alemanha nazista e fugitivos de diversas nações, não é difícil compreender suas aspirações comunistas acerca das repressões do meio ao qual sempre esteve vinculado. Suas análises sociais sobre as repressões marcaram um posicionamento crítico e fundamentado sobre a origem das neuroses cotidianas em relação às instituições capitalistas exploradoras. Buscou pela explanação dos problemas sexuais uma visão que não levasse em conta a hipocrisia que cerca o tema. Em uma visão social da sexualidade observou como as instituições ligadas ao capitalismo fazem um grande esforço para velar a ligação entre o ímpeto político da juventude na relação entre a liberdade e a sexualidade.

A repressão sexual é uma forma de opressão política. O capitalismo como grande fomentador desta inibição, está intimamente ligado às instituições que



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

por meio diversos prega ideologias e integralizações do meio como forma de manter o sistema sem muitas mudanças. Não deixaremos de compreender este conservadorismo a partir de seus interesses políticos, pois assim como o sistema diz muito sobre a cultura, a intenção ideológica tem profunda ligação com o sistema vigente. Esta manutenção em prol da unidade também é geradora das perturbações que Freud relacionou como neurose e Reich compartilhou desta direção.

Reich faz um apelo por uma observação cuidadosa da influência das instituições ideologizantes como a igreja católica e as demais religiosidades fundamentalistas, a organização familiar e educacional além do forte poder da opressão militar. Neste sentido a repressão sexual invariavelmente se dá com forças espantosas em torno da juventude. Porém é justamente nesta fase que surgiriam as aspirações pela liberdade que promoveriam uma atitude criativa e em certa medida revolucionária, com isso muito mais saudavelmente contribuiriam os jovens para o desenvolvimento generalizado de seu meio. Evidenciando estas instituições como principais reguladoras coercitivas há uma ligação entre esta moralidade e as perturbações na adolescência, que se propagam por toda a vida e se conformam muitas vezes como neuroses. “Estas proeminências surgem junto às ideologias impositivas que são verdadeiras “fábricas ideológicas”, sendo assim, “a repressão da sexualidade prepara o constrangimento [...] e para o inferno cotidiano” (Reich, 1932), pois sempre há um embate por mais velado que seja entre o desejo primordial e a moralidade castradora.

As neuroses numa compreensão moderna são distúrbios mentais geradores de tensões que não interferem na racionalidade. Estes distúrbios são proporcionados por uma tentativa ineficaz de se lidar com traumas inconscientes. Estes



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

traumas também podem ser identificados como uma sobrecarga psíquica, ou um estímulo “desarranjador” que interfere na capacidade da mente para avançar, levando a repetições estereotipadas (Galatzer-Levy, 2001). As repressões sexuais estariam de fato relacionadas ao conceito das neuroses quando observamos seus atributos. A inibição dos desejos reais sobre a sexualidade em prol de um conservadorismo moral é o que podemos correlacionar com esses desarranjos. O que não pôde ser exposto fica a mercê das inibições como aquilo que simplesmente se identifica como impróprio. Mas não nos esqueçamos das instituições e as ideologias massacrantes reacionárias que moldam de fato o que pensamos e aquilo que repassamos. Ainda no século XIX, Freud já expunha esta ligação entre as neuroses e os anseios da vida sexual: “pesquisas exaustivas durante os últimos anos levaram-me a reconhecer que as causas mais imediatas e, para fins práticos, mais importantes de todos os casos de doença neurótica são encontradas em fatores emergentes da vida sexual” (Freud, 1898). Estas neuroses no cotidiano estão propriamente ligadas às ansiedades, às angústias de maneira geral, à vertigens locomotoras, insônia, agorofobias, maior sensibilidade à dor, inquietação e fadiga, irritação espinhal, pressão intracraniana, entre outras manifestações psicossomáticas (Freud, 1898).

Se se deixasse de lado todas as inquietações que opõem a moralidade vigente e introduzisse nos meios midiáticos e principalmente nas escolas de ensino fundamental e básico e nas famílias, a informação sobre a sexualidade muito do que vem sendo discutido não faria sequer sentido. Segundo Reich (1932) e outros teóricos, todos os seres em todas as idades apresentam sexualidade nas mais ínfimas ocasiões. A informação e o conhecimento desses impulsos, seja das descobertas infantis ou dos desejos adultos recobertos pela opressão, satisfaria em muito o que às vezes parece



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ser impróprio e que invariavelmente torna o desejo inapropriado, mesmo quando legítimo. É o pudor institucionalizado que contribui para o dismantelamento caótico desta manifestação que fica encoberta quando mais necessita ser esclarecida.

A juventude de uma maneira geral é o alvo direto desta repressão. É nesta fase como podemos ver que a falta de informação tende à alienação dos futuros comportamentos. Reich na busca de uma revolução da sexualidade afirma que:

A juventude tem mais que um simples direito à informação, ela tem plenamente direito à sua sexualidade. Retiram-lhe este direito. Em numerosos jovens, a consciência de sua sexualidade desapareceu mesmo, não sem ocasionar gravíssimas perturbações do equilíbrio psíquico na idade da puberdade. (Reich, 1932, pag. 21)

Esta informatização a que se refere, nem que seja na forma didática, deve expor sem muita repressão, informações básicas sobre a reprodução, os aparelhos sexuais, os métodos contraceptivos, a maturação sexual, os desejos sexuais, a masturbação, o ato sexual, homossexualidade, as perturbações sexuais, o aborto, as doenças venéreas e a sua prevenção, a satisfação sexual e qualquer outro assunto no tocante desta área. Falta às instituições vontade específica para conscientizar a juventude. E poder-se-ia ir mais além das disciplinas enfatizadas no meio acadêmico e falar não só das sexualidades como também das relações de trabalho, dos problemas entre as camadas sociais e sua ligação com a sexualidade. Este último fator está intimamente relacionado a esta manutenção sistemática. Se a informatização dos métodos contraceptivos e da sexualidade em geral atingisse de maneira equilibrada todos as classes sociais, muitas famílias que sofrem com poucos recursos financeiros não sofreriam com o problema de crescimento desequilibrado dos entes familiares. Famílias que por falta de informação básica ajudam a formalizar o crescimento da

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

classe operária contribuem diretamente para a manutenção das desigualdades no sistema capitalista (Reich, 1942). As discussões sobre o aborto, as doenças sexualmente transmissíveis e as desigualdades podem minimizar a sua seriedade, como já é praticado, se antes a informação fosse igualmente distribuída.

A manutenção dos moralismos sobre a juventude institui a ordem social capitalista. A repressão sexual inibe a satisfação das tensões sexuais e isto requer uma grande dose de energia física do indivíduo, inibindo o desenvolvimento da atividade crítica e racional (Reich, 1932). Ao contrário quanto mais se desinibe a atitude sexual, mais se expande a saúde e o vigor, tornando-se mais livre e ativo quanto à consciência do comportamento. As defesas da autoridade e da tradição cortam a raiz de tal vigor. A explicação para o fato é a determinação pela defesa das ordens instituídas, fato que quando consciente muitas vezes vem das classes que tendem a ganhar com isso. Ou as instituições que tendem manter seu poder sobre o pensamento comum.

A juventude proletária de Viena, alvo dos estudos de Reich (1932), demonstrou o que comumente se mantém até os dias de hoje em qualquer meio capitalista. Quando não interessa mudar este sistema desigual nos meandros sociais a juventude que não pertence às classes menos abastadas tendem de maneira mais generalizada, manter as ordens como estão. Já o público-alvo de W. Reich, o proletariado, tinha ideias sexualmente mais desinibidas. Além disso, jovens que tem consciência sexual social, tendem a se revoltar abertamente contra o lar, a Escola e a Igreja (Reich, 1932).

A família e a escola, com efeito, não são em nossos dias, de um ponto de vista político, senão oficinas da ordem social burguesa, destinadas à fabricação de pessoas ajuizadas e obedientes. O pai, na figura



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

habitual, é o representante das autoridades burguesas e do poder do Estado na família. A autoridade do Estado exige dos adultos a mesma atitude obediente e submissa que aquela que exige o pai dos seus filhos quando são pequenos ou adolescentes. A falta de espírito crítico, a proibição de protestar, a ausência de opinião pessoal caracterizam a relação das crianças fiéis à sua família, com os pais, assim como a dos empregados e funcionários devotados às autoridades com o Estado. (Reich, 1932, pag. 133)

A moral da abstinência é igualmente exigida de maneira severa durante a puberdade, pois é justamente nessa idade que a juventude começa a revolta contra o lar. As necessidades e forças sexuais estão em oposição aos meios repressores, porém nem sempre têm espaço para se desenvolver como forças criativas. É durante a juventude que invariavelmente surgem os maiores conflitos contra a família por parte do jovem que começa a observar, quando ainda não reprimido pelas instituições, que seu objetivo pulsional (impulso pela mudança) não pode se dar dentro do lar e dos meios opressores. Porém as instituições fazem uma força enorme sobre este jovem ainda em formação de sua opinião, e este muitas vezes, mesmo que não atingido diretamente pela “beleza” desta manutenção deixa de ser opinante e passa a ser mais um oprimido. Vemos tais condições em diversos meios onde a moral sexual é imposta no lugar da liberdade de expressão, que são verdadeiras fábricas de seres submissos indignados com o meio, mas apenas isto. A mudança a qual muitos jovens esperam, não deve ser esperada e sim combatida. A condição do preparo para o casamento, da super opressão sobre os direitos femininos e a necessidade de constituir família para adquirir vantagens são exemplo da manutenção deste pensamento. A repressão da juventude é muito mais difundida pela ideia que foi sendo construída pelo tempo de exposição à naturalidade que elas transparecem. E com isso vai-se reproduzindo os erros cotidianos e formando muito do que compreendemos com atitudes neuróticas



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

na relação com o mundo. Este fato hoje é ainda mais preocupante, a juventude encontra-se estendida pelo tempo de permanência no âmbito familiar, seja pelo fato de necessitar-se permanecer no meio acadêmico ainda mais, a fim de centralizar o conhecimento num sentido, seja pela falta de recursos ou por escolha de jovens cada vez mais assustados com o direito de se verem livre no mundo e viverem uma vida para além do comum.

A intimidação e as atrofia sexuais assim como o despertar nas crianças do medo da autoridade por causa dos seus desejos, pensamento e atos sexuais, constituem o núcleo do aparelho psíquico com a ajuda do qual o lar submete a juventude ao Capital. (Reich, 1932, pag. 140)

É por meio da conscientização sobre a sexualidade e do comprometimento em apenas deixá-la fluir com naturalidade, que se combatem as proeminências neuróticas que surgem da opressão. Isto requer apenas liberdade de exprimir os desejos e de livre conhecimento sobre o tema para qualquer que seja o indivíduo, em qualquer idade e em qualquer meio. Principalmente para a juventude que em plena maturação sexual vê-se cercada por instituições que reprimem por todos os lados a expressão da sexualidade. À parte da população que está vinculada à Igreja Católica ou ao Exército, conhece bem estas intimidações que se dão diretamente à juventude que se dispõe a tais mecanismos inibitórios. É justamente no momento crucial de seu desenvolvimento crítico que se dá a confirmação de pertencimento nestas irmandades. Para Foucault (1976) a inibição da sexualidade vai além da proibição. Em uma análise sobre o poder em influência pelo Estado que visa assumir o controle do pensamento, a proibição do sexo não é em última instância a intenção, e sim o controle sobre este assunto. Foucault diz ainda que há uma pseudo libertação do



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sexo dentro das instituições que procuram controlar esta atitude. Sendo assim há uma liberdade em se falar sobre a sexualidade em determinados locais, como por exemplo Reich afirma que há um controle institucional sobre esta intenção. Sendo mais específico, como por exemplo, se dá no meio religioso, onde durante um processo confessional deve-se falar sobre as questões da sexualidade, porém é daí que vem todo o aparato da repressão, a qual Foucault (1976) liga à hipótese repressiva, e Reich (1932) intitula uma de suas grandes obras de “o combate sexual da juventude”. Neste momento da confissão ou da exposição de desejos sexuais nasce o medo de exercer livremente o potencial sexual causando as perturbações deste assunto a que Freud (1898) refere.

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior (adestrar); ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procurar ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até as singularidades necessárias e suficientes. (FOUCAULT, 1987, p. 153)

A repressão sexual está intrinsecamente envolvida com as ideias diluídas nos meios institucionais. É o algoz do controle. Não será o meio burguês (e o Estado) que mudará esta condição. Não porque tem-se um ideário terrorista e simplesmente fascista por trás deste desenvolvimento ao qual estamos “habitados”, mas porque convém manter o controle quando não se revela a face. Também não é só culpa do nosso desenvolvimento cultural, pautado no capitalismo que nos vimos presos às opressões. É talvez porque nos conservamos demais pelo medo da mudança e foi-se indiretamente intencionado fazer-nos acreditar que assim é melhor. Algumas

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

atitudes demasiadamente passivas frente a este caminho nos deixaram críticos de palavras soltas, ou seja, estivemos sempre com o pensamento livre, porém fatigados na atitude. Quem ganha com isto nunca será aquele que conforma com a opressão e sim aquele ou aquela instituição que mantém seu poder sob o controle da ideia. Não é com mais ou menos capitalismo que mudaremos esta condição e sim com atitudes favoráveis ao posicionamento visionário neste sistema. Devemos implodir com ideias as bases frágeis que sustentam o forte conservadorismo.

A revolução sexual na procura da atitude desencantadora

Como muito deste assunto está direcionado à juventude de uma maneira mais generalizada, e, por conseguinte ao resto da população que já esteve ou ainda entrará nesta fase de desenvolvimento é a ela que Reich e tantos outros autores se direcionam. Outra premissa importante de ser ressaltada no tocante à repressão sexual, é que não devemos esperar dos meios que julgamos repressores a mudança que aspiramos. Nem mesmo espera-se da simples proliferação da ideia uma mudança sem que haja um esforço para banir das próprias atitudes as amarras repressivas. O Estado procura organização dentro das organizações as quais ele se instaurou e com as quais foi compartilhada uma intenção em assegurar sempre a ordem pelo poder. Não é esperado o caos com a disseminação destas ideias e sim o desenvolvimento moral essencial de cada um. Pelo que pudemos ver até agora não foi com a repressão que nos tornamos independentemente críticos, assegurados do que fazemos. E é com ela que nos vemos fortemente imbuído de um potencial desmoronamento neurótico frente àquilo que nos é permitido ser ou não ser.

O problema sexual só pode ser resolvido com ideias

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

revolucionárias, que contrariam as que até agora não surtiram efeito. As ideias são sempre maiores que os sistemas que as cercam, e com isso podemos nos sentir cada vez mais livres de transgredir as barreiras que nos foram impostas e nascer de dentro de cada um uma verdadeira revolução social. Uma mudança que convém não só a nós mesmos, como podemos ver em diferentes manifestações que paralisam o meio se escondendo atrás de verdadeiros direitos. Podemos muito mais quando visamos ir além do que o sistema nos permite, as ideias comprovam esta teoria por si só. Elas são livres, pois nascem dentro de nós e podem ser úteis se pensamos para além, para o social. Reich afirma que, “devemos resolver o problema sexual de uma maneira revolucionária, chegando a uma teoria de política sexual clara, e em seguida uma práxis sexual revolucionária” (1932, p. 165).

Para que haja mudança temos que nos preparar para uma politização. Esta disseminação de ideal deve também abarcar todos por direito. Mulheres e homens. As mulheres sofrem ainda mais com a repressão sexual de uma forma muito severa desde a infância. Os homossexuais também compartilham desta repressão de forma ainda mais desmedida. Enquanto não forem equiparados os direitos, dentro desta politização, dificilmente uma revolução deste ideal passivo será vislumbrada. Somente por meio da livre expressão seja qual for o gênero, etnia ou classe e da desinstitucionalização do poder que teremos campo para pensar fora das repressões. E esta atitude somente será disponibilizada a partir do conhecimento das opressões. Os neuroticismos cotidianos e as manifestações psicossomáticas são também causados por esta despolitização. Como vimos até aqui:

“as deformações sexuais de cada um dentre nós traz em si, em consequência da repressão sexual, e que estão ligadas às atitudes inconscientes e recalçadas, fazem com que não sejamos

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

absolutamente donos de nós próprios na nossa vida sexual”. (Reich, 1932, pág. 168)

O problema sexual da nossa realidade é cultural. É necessária uma etiologia profunda que passe por todos as nuances que formam o ser social. Devemos nos compreender sempre por todas as maneiras que pudermos e levar em consideração todos os conhecimentos que nos formalizam para assim não deixarmos nenhuma opinião ser mais forte do que aquela que potencialmente pode nos levar a um estado de maior confiabilidade em nós mesmo. Nosso potencial é ainda maior quando nos livramos das amarras que um sistema ou uma instituição nos permite. Nossa ideia é livre e temos todos os meios necessários para não nos tornarmos mais um afetado da alienação intencionada. Não adianta apenas reclamar por liberdade. A sociedade é justa quando nos tornamos justo em níveis sociais.

Referências

- BUTLER, Judith. "Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault" *In* BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla. **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987
- FOUCAULT, Michel . **História da sexualidade I: A vontade de saber** . Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. **Microfísica do Poder** . Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREUD, Sigmund. "A sexualidade na etiologia das neuroses". 1898.
- GALATZER-LEVY, R. M. "Chaotic possibilities" *In Int J Psychoanal*, v.85, n.2, 2004.
- MARTINS, Carlos J. "O Legado de Foucault" *In* SCAVONE, Luciola; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard (Orgs.) . **A vida dos corpos e das populações como objeto de uma biopolítica na obra de Michel Foucault** . São Paulo: UNESP, 2006.
- REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo** . Rio de Janeiro: Dinalivros, 1942
- _____. **O combate Sexual da Juventude** . Rio de Janeiro: Dinalivros, 1932.
- ROUANET, Sérgio Paulo . **As razões do Iluminismo** . São Paulo: Companhia das letras, 1987.